

ONDE NÃO HÁ PREVENÇÃO, SOBRA REMEDIAÇÃO

Nove meses depois da chegada da Covid-19 ao Brasil, passou da hora de nos perguntarmos: o que a pandemia nos ensina para enfrentarmos esta e futuras emergências? São muitos aprendizados, mas gostaria de tratar aqui de um dos maiores erros que cometemos e, ao que parece, continuaremos cometendo. Tal erro se materializa na postura do Ministério da Saúde, que informou, em novembro, que esperaria o crescimento do número de mortes para agir e enfrentar a segunda onda da Covid-19. Essa conduta demonstra como tem sido o enfrentamento à pandemia no Brasil: uma reação sempre tardia, com foco na remediação e sem estratégias de prevenção. Além de ser uma escolha que acarreta o aumento da mortalidade, essa atitude mostra-se também um claro erro de gestão.

Tanto no mundo corporativo como no da administração pública (e da gestão da saúde), sabe-se que remediar é sempre mais custoso e difícil do que prevenir. Na saúde, por exemplo, é muito mais fácil e barato investir em estratégias de prevenção de doenças crônicas – como diabetes e hipertensão – do que tratar um paciente que teve um acidente vascular cerebral (AVC) ou uma parada cardíaca em decorrência de uma doença descontrolada. É por isso que os sistemas de saúde pública mais robustos do mundo, como o Sistema Único de Saúde (SUS), investem prioritariamente na estruturação de uma rede de atenção primária, que é responsável pela prevenção e promoção à saúde. É esse motivo, aliás, que tem feito muitos planos de saúde também investirem em estratégias de prevenção.

No caso do SUS, construímos nas últimas décadas uma rede capilarizada e quase universal de atenção primária à saúde, com Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Equipes de Saúde da Família (ESF) que cuidam da população cotidianamente. A essa altura da crise, é triste constatar que essa mesma rede de atenção primária, que é reconhecida em âmbito internacional, não foi devidamente acionada para atuar na pandemia.

> ESPERAR O CRESCIMENTO DO NÚMERO DE MORTES POR COVID-19 PARA AGIR DEMONSTRA COMO TEM SIDO O ENFRENTAMENTO À PANDEMIA NO BRASIL: UMA REAÇÃO SEMPRE TARDIA, COM FOCO NA REMEDIAÇÃO E SEM ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO.

Em contraposição, o país apostou na construção de unidades de tratamento intensivo (UTIs), hospitais de campanha, compra de respiradores – ou seja, ações de tratamento (que custam caro) para doentes em estágio grave. Assim, percebe-se que as ações que poderiam prevenir o contágio e diminuir o número de doentes graves não foram priorizadas. Não tivemos nem mesmo condutas simples e baratas, como barreira sanitária efetiva em aeroportos, no início da pandemia. Não utilizamos a estrutura da atenção primária para fazer campanhas de prevenção. Em poucos lugares investimos em políticas sérias de isolamento curto e intensivo. Não aproveitamos as redes dos agentes comunitários de saúde para rastrear contatos das comunidades. Nunca fizemos uma política de testagem massiva – aliás, os testes estão perdendo a validade nos estoques do ministério.

Consequência: chegamos a mais de 182 mil mortes sem perspectiva de melhora da situação. Sobrecarregamos o sistema de saúde, deixamos nossos profissionais no limite e a população à deriva. Gastamos mal, em políticas pouco eficientes e eficazes. Talvez aí esteja uma das grandes lições dessa pandemia. Nesse caso, os governantes poderiam aprender com a comunidade científica, ou mesmo ouvir a sociedade. Afinal, como já diz a sabedoria popular, prevenir é melhor do que remediar.

GABRIELA LOTTA > Professora da FGV EAESP > gabriela.lotta@fgv.br